

COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 192p.

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹
(Universidade Estadual do Ceará/Uece/Feclesc)
(Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Unilab)
(Secretaria de Educação do Estado do Ceará/Seduc)

Tecnologias para aprender, organizada por Carla Viana Coscarelli e publicada pela Parábola Editorial, insere-se no campo dos estudos das ciências da linguagem e suas tecnologias, sendo resultado de expressivas pesquisas feitas por vários/as estudiosos/as, muitos dos quais orientandos ou orientados por esta docente nos cursos de mestrado e doutorado, da Faculdade de Letras da UFMG.

A organizadora desta edição, evidencia em cada capítulo, a necessidade de se oferecerem os subsídios didático-metodológicos, para que estudantes e professores/as possam aprender a usarem adequadamente as tecnologias digitais de forma crítica, emancipadora e cidadã, sobretudo no contexto escolar e em atividades diárias de leitura e escrita com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs).

Este livro compõe-se de dez capítulos, bem articulados e delimitados no sentido de fomentar a apropriação de inúmeras ferramentas, recursos e mídias oriundas de recentes pesquisas com tecnologias digitais no Brasil. Assim, oferece-nos oportunidades de reflexão sobre oportunidades para auxiliarmos os/as alunos/as no desenvolvimento as competências linguísticas, otimizando os processos de comunicação, produção e divulgação de conhecimentos em várias situações comunicativas, principalmente, em espaços socioculturais que têm requerido de seus sujeitos muitas práticas de leitura e de escrita cada vez mais ubíquas e diversificadas diante da crescente inserção das tecnologias na educação escolar.

O grande desafio, então, é ler e escrever em ambientes digitais, diversos textos e hipertextos multimodais, impulsionados pelas atividades comunicativas cotidianas e escolares, requerendo uma educação tecnológica capaz de potencializar as aprendizagens de estudantes e de professores com o uso de tecnologias, culminando na melhoria do ensino e da aprendizagem

¹ Mestrando em História e Letras, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Professor efetivo de Língua Portuguesa da Seduc/CE. Bacharelado em Administração Pública da Graduação da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Unilab (UaB/ICSA/CAPES). E-mail: jeimespaivaece@yahoo.com.br

de língua portuguesa e primando, sobretudo, pela compreensão das relações do verbal e o não verbal quando leitura e escrita requerem as tecnologias para se efetivarem como práticas de linguagens.

Na apresentação da obra, a organizadora chama os/as professores/as a uma reflexão necessária para formar leitores/as críticos/as, suscitando uma preocupação maior, que é a de desenvolver as competências e/ou habilidades indispensáveis na compreensão leitora e na produção de uma diversidade de gêneros textuais em ambientes digitais de produção discursiva e de acesso à informação em contextos sóciohistoricamente situados. Nesse sentido, Coscarelli juntamente com os demais autores/as dos textos que compõem esta edição, evidenciam nesses estudos uma discussão teórica e prática em perspectiva sociodiscursiva da linguagem, visando desenvolver atividades, estratégias e recursos adequados para o letramento digital de alunos/as/leitores/as, tornando-os/as mais críticos/as e proficientes em práticas de leitura e escrita.

Num primoroso capítulo inicial, “Letramento digital”, Valéria Ribeiro de Castro Zacharias discute a relação entre o impresso e o digital numa perspectiva do letramento digital, em que as tecnologias digitais têm sido uma necessidade nos processos de escolarização do alunado, tendo em vista a promoção do ensino de leitura e a melhoria das práticas docentes adotadas nas salas de aulas. A autora, reforça que “dessas mudanças se faz notar nas práticas de leituras, com a emergência de textos híbridos” (p. 16). Em consequência disso, ela defende que houve, sim, uma reconfiguração dos objetos de leitura, fazendo com que leitores/as pudessem potencializar suas competências discursivas, letrando-se digitalmente, sobretudo em efetivas práticas discursivas resultantes do acesso a uma gama de gêneros discursivos em atividades didáticas com suportes múltiplos.

Em outro capítulo, “Leitura, escrita e tecnologia”, Ana Elisa Ribeiro ressalta como o texto, a composição e a leitura, mesmo que numa “progressão pasmosa”, necessitam ser vistos numa ótica inclusiva sem excluir alguma mídia em detrimento de outras que surgem diariamente. Ela frisa que “no plano da leitura, especialmente em procedimentos, dispositivos e práticas, vemos mudanças importantes, ‘pasmosas’, mesmo, em relação a tecnologia do livro, aos seus formatos e materialidades” (p. 34). Não resta dúvida, os dois primeiros capítulos são essenciais para despertar o fazer pedagógico de professores/as num sentido de favorecer que seus alunos/as desenvolvam: o letramento digital com atividades de leitura e escrita numa relação cada vez mais íntima do leitor/a com os textos e com as tecnologias em ambientes propícios ao ensino e a aprendizagem.

Noutro capítulo, “Leitura de imagens em infográficos”, Francis Arthuso Paiva delega atenção para as relações entre leitura e navegação, no sentido de desenvolver um trabalho significativo com a leitura de textos visuais informativos, sustentando que nas instituições escolares, ainda existe uma carência na formação de leitores/as críticos/as com base numa proposta sólida de ensino de leitura que vise a fomentar no leitor: “experiência em eventos de letramentos com textos imagéticos”, associada à “habilidade complexa de relacionar informações não verbais e ainda, quando necessário, relacioná-las com outras informações verbais” (p. 46).

O capítulo acima evidencia também que a leitura de imagens, muito demandada pelos textos multimodais digitais e impressos, ainda permanece distante dos trabalhos com a leitura do texto verbal. Além do mais, as propostas didáticas de ensino de leitura de textos informativos podem auxiliar bastante no fazer docente por serem suporte pedagógico relevante para que leitores/as iniciantes possam desenvolver a competência de ler imagens, tão indispensável nas práticas letradas da contemporaneidade.

Coscarelli, no instigante capítulo, “Navegar e ler na rota do aprender”, avalia as diferenças entre ler em materiais impressos e ler na internet, esclarecendo a importância desses conceitos para professoras, ajudando-os/as na tarefa didática de ensino de leitura em ambientes digitais, pois para que “a leitura *online* possa ser vista como um todo, a leitura na internet requer duas principais competências que se entrelaçam: a navegação e a leitura” (p. 64). Nesse sentido, a autora explica que ler e navegar são ações e/ou atividades semelhantes, mas que aludem ações distintas e específicas. Por fim, para ela é preciso orientar docentes a estabelecerem em seus planejamentos - metas de leitura *online* - a serem atingidas, no decorrer das atividades de leitura com textos multimodais, em ambientes digitais.

Seguindo a concepção anterior, Ana Elisa Novais, em “Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura”, posiciona-se também em relação a importância da navegação entre o digital e o impresso, reforçando a necessidade de se ampliarem os conhecimentos e as habilidades de leitores para compreensão das várias “interfaces que se organizam, hierarquizam seus recursos e padronizam procedimentos” (p. 94). A autora defende que essas habilidades de leitura e navegação podem ser sistematizadas por meio do uso de uma matriz de letramento digital, sendo que esse documento é considerado crucial para “elencar e organizar habilidades caras às práticas de leitura e escrita mediadas pelas tecnologias digitais” (p. 87).

No capítulo, “Interação.gov.com: exercício de leitura e cidadania”, Ranielli Santos de Azevedo apresenta algumas experiências no sentido de favorecer os docentes a estimularem alunos/as em práticas de leitura que os/as aproximem de compromissos com a cidadania, a

política e a promoção do bem-estar social coletivo. O intento é educar crianças e adolescentes a usarem ferramentas e tecnologias para assimilarem informações ao navegarem em portais governamentais, aprimorando sua participação social, oportunizando debates necessários na sociedade. A autora assegura que nesses espaços: “mais do que ler e escrever, ser letrado é ser capaz de desenvolver com habilidades a leitura e a escrita em diferentes situações sociais” (p. 102).

Urge, porquanto, a necessidade de preparar nossos/as estudantes a compreenderem a linguagem e os objetivos dessas informações digitais cada vez mais presentes nas vidas de todos/as. Nesse diapasão, Jônio Bethônio e Isabel Frade, em “Formação de consumidores críticos: letramento em *marketing*”, alertam docentes para os vários discursos de estímulos ao consumo em textos publicitários, convertidos em mídias e suportes para campanhas de muitas empresas e instituições. O autor e a autora sustentam que as escolas apresentam muitas dificuldades em trabalhar com o letramento em *marketing*, e o fazem assistematicamente. Assim, indicam muitas sugestões de atividades de análise de textos publicitários, até mesmo um roteiro para o trabalho com a linguagem publicitária, seja no modo verbal e impresso, seja na modalidade televisiva.

Carlos D’Andrea, em “Processos editoriais na Wikipédia”, explica como funciona o processo editorial e os verbetes da Wikipédia, apresentando contundentes reflexões e sugestões sobre como conduzir em sala de aula o trabalho colaborativo entre estudantes e o desenvolvimento de projetos. No processo que vai da escrita aos *logs* de edições dos artigos surgem polêmicas, entre as quais o autor esclarece serem mais frequentes aquelas relativas “ao questionamento da credibilidade da informação em um sistema onde qualquer pessoa pode alterar as informações” (p. 139). D’Andrea conclui que, no contexto educacional, a escrita colaborativa por meio de projetos educacionais favorece o estímulo à leitura crítica, à pesquisa e à redação de textos, possibilitando o “desenvolvimento de habilidades e percepções típicas do ambiente da *web* na atualidade” (p. 144).

Os últimos capítulos desta obra, intitulados “Infância e tecnologias”, de Suzana Gomes, e “Jogos *online* no ensino-aprendizagem e da escrita”, de Andréa Ribeiro, aproximam-se numa abordagem teoricamente prática, utilizando as NTICs como suporte pedagógico para favorecer interações, visando a uma aprendizagem colaborativa. A primeira pesquisadora acentua que “[a]mbientes de aprendizagem ricos em NTICs podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia, tanto em termos socioafetivos quanto propriamente cognitivos” (p. 151). Por isso, ela discorre sobre o desenlace educativo do papel dos aplicativos como ferramenta para resgatar o lúdico em atividades escolares.

Na mesma direção, Andréa Ribeiro, ancorada também num viés de trabalho com as atividades digitais, jogos e brincadeiras, salienta que estes, podem propiciar ludicidade e criatividade, auxiliando crianças e adolescentes a construírem descobertas e a amadurecerem conceitos e habilidades. Diante disso, para ela “os jogos *online*, elaborados para fins pedagógicos ou não, podem ser considerados ferramentas educacionais para o ensino da leitura e/ou da escrita” (p. 167). A autora, então, sugere que os jogos podem chegar “ao *status* de recurso de ensino-aprendizagem e oferecer diretrizes alternativas para o trabalho do/a professor/a de língua portuguesa com os jogos digitais *online*” (p. 160).

Esta obra se faz necessária no contexto educacional brasileiro, levando-se em conta à emergência de estudos com as linguagens e suas tecnologias que visem a fomentar, potencializar e sistematizar pedagogicamente o trabalho com as tecnologias digitais nos ambientes educacionais, nos quais professores/as e estudantes estejam integrados/as nessa diversidade de práticas multimodais de leitura e escrita, contribuindo para o letramento digital desses sujeitos.

Além de contribuir para o enriquecimento das discussões sobre os letramentos que se estabelecem a partir do ambiente digital, *Tecnologias para aprender*, organizado por Carla Viana Coscarelli, conta com um time de especialistas, reunindo seletas pesquisas e, propiciando a professores/as e estudantes de Letras, Linguística, Pedagogia, Comunicação Social e outros, o acesso a uma primorosa coletânea de trabalhos, capazes de nos ajudar a enfrentar com sucesso os desafios educacionais e tecnológicos na modernidade.

Tecnologias para aprender, portanto, vai além das reflexões teóricas vigentes no momento acerca dos letramentos, práticas de ensino e tecnologias, sobretudo no espaço escolar, apresentando robustas sugestões e/ou atividades, com linguagem acessível a estudantes e a professores, para o uso de recursos didáticos e tecnológicos em vários ambientes pedagógicos sejam eles virtuais ou físicos. Por isso, não só recomendamos a leitura da obra, mas também defendemos seu mérito, diante de tantos desafios impostos pelas diversas atividades retóricas e letradas requeridas na contemporaneidade.

Recebido em: outubro de 2017
Aprovado em: abril de 2018
geimesraulino@yahoo.com.br

[DOI: 10.26512/les.v19i1.10864](https://doi.org/10.26512/les.v19i1.10864)